

DIARIO DO MARANHÃO.

Os annuncios são gratis para os assignantes, 3 vezes até 10 linhas; e pagão 40 rs. por cada linha os que não forem, e 20 rs. sendo repetido. Correspondencias, convencional. As assignaturas são pagas adiantadas, abrem-se em qualquer dia e finalisaõ nos mezes de dezembro, março, junho e setembro. Os artigos mandados à redacção, sejam ou não publicados, não serão restituídos. Preço da assignatura — Por um anno, 125000 rs.; por seis mezes, 62000 rs.; por tres mezes, 33500 rs.; Subscreve-se na typographia do Jornal, rua dos Barbeiros n.º 3.

DIAS DE AUDIENCIAS.

SEGUNDA-FEIRA: marcado pelo juiz mun. da 1.ª vara para os processos crimes das post. da Camara municipal e audiencia do chefe de Policia.
TERÇA-FEIRA: aud. da Relação e do Juiz de Dir. da Capital.
QUARTA-FEIRA: aud. do Juiz Municipal da 2.ª vara, e do Juiz Ecclesiastico e do Subdelegado de Policia da 1.ª dist.
QUINTA-FEIRA: aud. do J. dos Orphãos do J. de Dir. da Com. dos Feitos da Fazenda, e do Subd. do 2.º districto.
SEXTA-FEIRA: aud. do Juiz Municipal da 1.ª vara.
SABBADO: aud. da Rel., e do J. Ecclesiastico.
TERÇA e SABBADO: audiencia da Junta do Commercio.

DIRECTORES DA CAIXA FILIAL

Henrique Season.
A Francisco de Azevedo.

EPHEMERIDES.



☉ Cresc. a 5. às 2 h. 29' tarde.
 ☽ Cheia a 12. às 6 h. 2' manhã
 ☽ Ming. a 19. às 7 h. 41' manhã
 ☽ Nova a 27. às 1 h. 3' tarde.

PARTIDAS DOS CORREIOS.

Itapicuri-mirim, Rozario, Caxias, Iguará, Passos-Dous, Piahy, 5, 12, 20, e 27 de cada mez. — Icutá e S. ernardo, em 1 e 15 de cada mez. — Maranhão, Tutou e alg. partes do Ceará, em 1 de cada m-z.

PASSAGENS NOS VAPORES.

Rio..... 200:000 | Parahyb..... 100:000
 Bahia..... 140:000 | Ceará..... 50:000
 Pernambuco.. 110:000 | Paraíba..... 50:000

METAES E PAPEIS.

Ouro.—Onças hespanholas..... 29:000 a 30:000
 Moedas de 4000..... 16:000
 • de 4000..... 9:000
 Prata.—Moedas brasilleiros..... 1:840
 • column..... 1:929
 • mexic..... 1:809
 Apolices do Banco..... 225:000 a 230:000
 Descontos na Caixa Filial 8 por 100—
CAMBIOS.
 Sobre Londres, 27°
 • Portug. 100 por oio.

EXTERIOR

LISBOA.

Agita-se uma questão grave na Europa, que devia ser decidida não pelo direito da força, mas pela força do direito.

He a questão napolitana.

Será o governo de Napoles obrigado a reger-se pelas normas que lhe vierem do estrangeiro?

Abusará ainda mais uma vez a força das duas grandes potencias do occidente do governo de um estado comparativamente pequeno?

Formar-se-ha contra Napoles em 1856 a mesma alliança que se formou contra Portugal em 1834?

Se examinarmos a indole dos governos que mandam hoje as suas esquadras para o sul da Italia e a compararmos com o espirito da Europa liberal, que em 1834

influio sobre os negocios de Portugal, tudo nos faz crer que o direito da força ainda uma vez ha de triumphar da força do direito!

Qual he hoje esse espirito?

Que differenças tem do que era então?

Será a monarchia militar em França mais legitima que a monarchia de julho?

Não he o actual dominador da França o descendente, em sangue e tradições de politica, daquelle mesmo homem que entrando em Italia com a palavra liberdade, sahio daquella desditosa península deixando-a escrava?

Estarão por ventura apagadas da actual politica franceza as memorias que o vencedor da Italia deixou em Veneza no seu tratado com a Austria sobre os destinos daquella infeliz republica?

Não estão apagadas aquellas memorias.

A actual politica franceza quando se

lhe apresentar occasião, ha de lembrar-se que a Italia ja foi retalhada pelo imperio a seu bel prazer, e que a effervescencia dos espiritos italianos no seculo XVIII foi quem abriu as portas à invasão estrangeira, como hoje tambem as pode abrir a colligação das potencias, que sob pretexto de defenderem os interesses de um povo, podem muito bem ir opprimir de facto a independencia de um grande paiz.

A Inglaterra ainda que sob diferentes relações com a França de 1856, com o seu constante espirito de intruduzir a guerra em toda a parte, não nos leva a crer que seja hoje escudo mui seguro onde a Italia possa aparar os golpes da oppressão.

Pelo contrario a linguagem dos seus ministros, o proceder de sua politica, e o verbo arrogante e insolente do seu jornalismo parece favorecer as antigas vistas da França republicana e imperial.

Ha, he verdade, no proceder da Fran-

FOLHETIM

A CONDESSA DE CHARNY

POR

ALEXANDRE DUMAS.

Tomo undecimo.

(Continuado do n. 353)

II.

A NOITE DE 9 A 10 DE AGOSTO.

(Continuação e fim.)

Petion quando fôra mandado chamar, logo imarronou que não havia de sahir com a mesma facilidade, com que entrava.

Tinha se chegado a um homem de rosto carregado, o qual tinha a testa atravessada por uma cicatriz.

— Senhor Billot, disse-lhe elle, que noticias me trazeis da Assembléa?

— Ella passa a noite em cessão permanente.

— Muito bem. Que vistas na ponte nova?

— Artilheria e guardas nacionaes postados alli por ordem do senhor Mandat.

— E não dizeis tambem que debaixo da arcada de S. João, ao desembocar da rua de Santo Antonio, esta reunida uma força consideravel?

— Sim, senhor, e tambem por ordem do senhor Mandat.

— Está bem, agora ouvi-me senhor Billot.

— Está prompto para ouvir.

— Eis uma ordem aos senhores Manuel e Danton para fazerem recolher os guardas nacionaes, e desarmar a Ponte Nova. E' mister que esta ordem seja executada, custe o que custar. Ouvis-me?

— Eu mesmo entregarei a ordem a Danton.

— Optimo. Mas dizel-me, não moraes na rua de Santo Honorato?

— Sim, senhor.

— Depois de entregardes a ordem ao senhor Danton, recolhei-vos e descançae um pouco; depois, às duas horas levantai-vos, e ide passear pelo lado de fóra do terrasso dos Fenillants. Se ouvirdes cair algumas pedras lançadas do jardim das Tulherias è signal de que estou prezo e de que me violentam.

— Compreheudo.

— Correi depois à assembléa e dizei-lhe que me reclama. Compreendeis-me, senhor Billot? Olhae que a minha vida fica nas vossas mãos.

— E respondo por ella, senhor Petion, podeis partir tranquillo.

Billot por tudo se responsabilisava, e com tanta maior ousadia porque Pitou acabava de chegar.

Mandou Pitou a Danton, recomendando-lhe que não voltasse sem elle.

Apezar da preguiça de Danton, Pitou trouxe-o consigo.

Elle já tinha visto a artilheria da Ponte Nova; viu os guardas nacionaes da arcada de S. João, e compreendeu a urgencia de não deixar semelhantes forças na rectguarda do exercito popular. Com a ordem de Petion na mão, fizeram recolher os guardas nacionaes da arcada de S. João; fizeram retirar a artilheria da Ponte Nova.

Por consequencia ficou desobstruida a grande via da insurreição.

Entretanto Billot e Pitou voltavam à rua de Santo Honorato.

Era a antiga habitação de Billot.

Pitou fez os seus cumprimentos à casa como a um amigo.

Billot sentou-se e fez signal a Pitou para que o emitasse.

— Obrigado, senhor Billot, disse Pitou, não estou cansado.

Mas como Billot insistisse, sentou-se.

— Pitou, disse Billot, mandei-te dizer que viesse ter comigo.

— E bem vedes, senhor Billot, respondeu Pitou com esse franco sorriso, que faz mostrar os trinta e dous dentes, e que era peculiar a Pitou; não mo fiz esperar.

— E' verdade. Sem duvida adivinhas que se vai passar alguma cousa grave.

— Desconfio, senhor Billot. Dizel-me porem uma cousa.

— O que, Pitou?

— Não vejo nem o senhor Bally, nem o senhor Lafayette.

— Bally è um traidor, que nos mandou assassinar no Campo de Marte.

— Bem o sei, pois fui eu que vos fiz levantar banha-do em sangue.

— Lafayette è um traidor, que nos quiz roubar o rei.

— Oh! não sabia isso! O senhor Lafayette um traidor! Quem tal diria! E o rei?

— O rei, esse è o maior dos traidores.

— Oh! em quanto a isso não me admira.

— O rei conspira com os estrangeiros e quer entregar a França aos inimigos. As Tulherias são um foco de conspiração, e decidiu-se que se devia tomar as Tulherias. Compreheudo, Pitou? (Continua.)

ça actual, uma certa má vontade para obrar activamente como potencia interventora nos negocios de Napoles; mas estas indecisões e pouco querer nascem mais da falsa posição em que está constituido o governo imperial a respeito da revolução italiana e franceza, que se podem mutuamente a judar n'um conflicto dado, do que por não querer seguir as tradições do general da Italia e do primeiro imperio.

A alliança da França com a Inglaterra na questão do Oriente não ficou tão segura e estreita que um pequeno incidente na politica das duas nações não possa romper.

A Inglaterra soffreu no seu orgulho militar com esta alliança um golpe, que nunca o primeiro imperio lhe pôde dar com a aturada guerra que lhe fez. O seu orgulho de nação offendido, ainda que calado pelo poder das circumstancias, pode armar com feições de amizade uma cilada, quando não queira fazer guerra aberta e declarada a Napoleão III.

Ora, o melhor terreno para uma cilada desta natureza seria a Italia com os germens de revolução, que ella pode atear na França.

Pela mente de Napoleão III podem ter passado estas considerações, que até certo ponto explicam a má vontade que durante certo tempo empregou na intervenção dos negocios de Napoles.

Ainda não ha muito que a imprensa Inglesa se exprimia em termos tão pouco meigos e civis para com o actual chefe do governo francez, que a imprensa de Paris declarava á face da Europa « que estivesse a Inglaterra certa que o unico laço que prendia ainda a recente alliança das duas nações era Luiz Napoleão. Que o desfazer dessa alliança estava simplesmente em fazer ouvir despejada e sinceramente a voz da França, donde resultaria n'um momento o resurgir da antiga rivalidade, que o imperador tinha sopitado »

Por isso repetimos, são talvez simplesmente estas considerações que até hoje tem retardado a intervenção franceza nos negocios de Napoles, com as tradições politicas do primeiro imperio sobre toda a Italia.

A necessidade do momento porem pôde dar á politica franceza mais liberdade d'acção que até agora tinha.

E dizemos mais liberdade d'acção por que um novo elemento veio cabir na arena das complicações politicas da Europa, que pode dar differente rumo ás intenções da politica inglesa.

Este elemento foi a celebre circular do principe de Gortschakoff, em que a Russia se queixa amargamente do proceder politico das duas mais poderosas nações do Occidente, tanto nos negocios de Napoles, como na questão da Grecia.

A circular deixava ver n'uma lingua-

gem decentemente calculada pelo habil diplomata russo a dictadura que estas duas nações pretendem exercer sobre a politica dos estados mais fracos, quando ainda ha pouco se armaram contra a Russia, tomando tambem por pretexto a dictadura com que ella pretendia pesar sobre a politica da Sublime Porta.

A imprensa de Londres desencadêa as suas iras contra a celebre circular, chamando-lhe inconveniente pela proximidade da sua data com o tratado de Paris.

Parte da imprensa de Paris tratando com mais cortezia a circular, apreciava contudo nos resultados que podem trazer, e alguns jornaes chegam até a negar-lhe a authenticidade, posto que nem por isso deixem de lhe censurar a doutrina, como se fosse um verdadeiro documento sahido do gabinete de S. Petersburgo.

No entretanto em geral a linguagem do jornalismo francez e inglez sobre a celebre circular parece-nos de veras desarrazoada e sabendo a má posição a respeito do direito, em que se collocaram a França e a Inglaterra na questão de Napoles e da Grecia.

O *Constitutionnel* por exemplo diz « que a intervenção systematica no governo dos estados visinhos tem sido sempre a politica secular da Russia » e daqui pretende concluir a justiça da intervenção anglo-franceza nos negocios de Napoles e da Grecia, corroborando essa doutrina com o saboroso argumento de que a Russia não podia atirar a primeira pedra ás duas nações do Occidente.

Um correspondente de Paris do *Nord* de Bruxellas fallando da circular, parece fazer-lhe mais justiça historiando a impressão politica e diplomatica que ella produziu.

Eis as suas palavras:

« Posso affirmar-vos que a impressão no publico e na diplomacia produzida pela celebre circular do principe de Gortschakoff foi profunda.

« Admiram geralmente a sua linguagem nobre e elevada, linguagem que determina ao mesmo tempo a posição do gabinete de S. Petersburgo a respeito das outras potencias no meio dos conflictos, que se preparam. Esta circular he considerada como um apoio moral dado a Napoles pela Russia. O juizo porem do principe de Gortschakoff em nada mudara os projectos dos gabinetes de Londres e de Paris, e poderia talvez até precipitar-lhes a execução. »

Os jornaes inglezes porem he que á força de violencia parecem disparatarem de todo.

Alguns (o *Sun* por exemplo) chega a exprimir o desejo que as esquadras russas do Baltico passem o estreito de Gibraltar, para que o encontro nas aguas do Mediterraneo com as esquadras anglo-francezas seja quem decida a questão.

Outros como o *Morning Post* depois de chamar á Russia o sustentaculo do despotismo, a inimiga mortal da liberdade, diz n'uma linguagem que chega a transpor os limites da mais inconveniente violencia « que não pode haver paz ver ladeira enquanto o despotismo ou a liberdade não tiverem definitivamente triumphado um do outro. Enquanto as armas da Russia não tiverem vencido ou nós (as duas potencias entende-se) não tivermos feito triumphar esses principios, por quam temos soffrido tanto e tão repetidas vezes, pelos quaes a França tem sido tão terrivelmente provada, por quem a Suissa e o Piemonte combateram. » etc.

Que campo tão vasto para reflexões que offerece esta linguagem do *Morning Post*.

Onde estava de veras e despotismo em que tanto falta o jornal inglez?

Será no governo legitimo do povo napolitano que quer sustentar-se com os seus meios sem recorrer ao estrangeiro, ou na—supposta liberdade que a França e a Inglaterra lhe pertendem impor á força?

Será a Russia, que offerece um apoio moral á legitimidade daquelle governo, provocado pelos excessos da revolução, ou nas duas potencias, que tornam necessario aquelle apoio, porque favorecem o incremento da mesma revolução com a linguagem dos seus gabinetes e com a força das suas esquadras?

E isto quando o proprio *Times* já confessa que a peninsula italiana está em vespas de uma revolução espantosa, acrescentando talvez por escarneo que he a presença das forças estrangeiras que tem contido essa mesma revolução, que de veras excitou!

Os successos dirão, se as reflexões que fazemos aqui no meio desta questão tão tenebrosa ainda, e tão compliada andam muito longe dos resultados que se esperam, mas parece-nos pela attitudo que a Europa vai tomando neste conflicto proximo a estalar, que ainda uma vez mais o direito da força pretende triumphar da força do direito.

A *Presse* belga no meio da gravidade dos acontecimentos, e analysando o valor da circular vê tão proximo esse conflicto, que ja se exprime neste termos:

« A attitudo da Russia é grave. As suas declarações são explicitas. O documento decisivo que ella expõe as reflexões e comentarios da Europa podem transportar da Crimea para a Italia a questão do Oriente, renascendo nas fronteiras austriacas com a mesma intensidade. »

Terminamos estas considerações vagas sobre uma questão que pode influir nos destinos de toda a Europa, fazendo simplesmente um voto—oxalá que a revolução não abra pela segunda vez as portas da Italia a invasão estrangeira, e que a independencia daquelle bello solo ao som do grito de liberdade não seja pela segunda vez em menos de um seculo os grilhões de escravo, que a revolução foi a primeira a forjar.

(Diário de Pernambuco.)

INTERIOR

Pernambuco.

Pelo vapor « Pedro II » entrado hontem de Lisboa, tendo tocado em Madelra, Tenerife e S. Vicente, recebemos cartas de nossos correspondentes daquelle capital e tambem varios periodicos que alcançam a 23 de outubro proximo passado; mas a hora adelantada em que nos foram entregues apenas nos permite comunicar aos leitores o seguinte resumo:

Portugal continua tranquillo, bem que as proximas eleições agitem um pouco o espirito de sua popu-

lação. Todos os partidos tem publicado manifestos e preparam-se para tomar parte na luta. inclusive o legitimista :

O governo que ao principio mostrara querer ficar imparcial, limitando-se a manter toda a liberdade de voto, ja não procede do mesmo modo e parece que vai propendendo mais para um partido que para os outros.

Na Hespanha cabio o ministerio do conde de Lucena, general O'Donnell. Tendo a rainha exigido a revogação do decreto de amortisação, os ministros negaram-se a faze-lo de prompto, e pediram alguma dilação, mas não estando por isso a soberana, deram todos sua demissão.

O novo gabinete acha-se organizado do seguinte modo :

Presidente sem pasta, o duque de Valencia, general Narvaez;

Ministro dos negocios estrangeiros, o marquez de Pidal;

Ministro da graça e justiça, D. Manoel de Seixas Lozano ;

Ministro da guerra, o tenente general D. Francisco de Lerondí ;

Ministro da fazenda, D. Manoel Barzanallana;

Ministro da governação (reino) D. Candido Nocedal;

Ministro do fomento, D. Candido Moyano.

He a annullação completa dos principios que triumpharão com a revolução popular de julho de 1854. Entretanto todo o paiz continua tranquillo.

A questão mais importante destes ultimos tempos he a de Napoles. As noticias dadas em dia são contraditas no seguinte; a questão está complicada, e muito confusa pelo grande numero de boatos, que todos os dias e de toda a parte se levantam. A Russia tomou o partido do rei Fernando.

A Austria fez uma ultima tentativa para prevenir a intervenção armada das potencias occidentaes em Napoles. Um despacho telegraphico enviado de Vienna, a Paris, obrigou, segundo se affirma a suspender a execução do projecto anterior. Espera-se o resultado da missão de que está encarregado Mr. Martini, embaixador austriaco, junto ao rei das duas Sicilias. Este embaixador leva uma especie de ultimatum pacifico em que se expõe de novo todos os perigos da situação. Mr. de Martini tambem deve entregar a el-rei Fernando uma carta autographa do imperador Francisco José.

Este soberano insta com o monarcha napolitano, em nome dos laços de parentesco que existem entre as duas côrtes a que não attrahia desgraças incalculaveis, não só para Napoles, mas para toda a Italia. Espera-se bom resultado deste passo pacificador dado pela Austria. Tem-se feito todo o possivel para impedir toda a aggressão contra os Francezes e Ingleses, que residem em Napoles.

O partido constitucioanal de 1848 que sollicita as camaras, e o partido que deseja a abdicção do rei em favor de um filho, pozeram-se de accordo para o momento de perigo, e assim he que a demonstração projectada das potencias occidentaes provocou uma fusão momentanea dos partidos, o que se não esperava por modo algum. Em Napoles formou-se uma junta de salvamento que alista os tazzaroni e lhes da soldada. Entre os chefes desta junta apparecem os bem conhecidos Mazza, Morbilli, Merenda, Campagna e Albano.

A maior parte dos periodicos estrangeiros dizem que o governo austriaco tinha mandado de Pala uma esquadra para tomar, no Mediterraneo parte na demonstração contra Napoles. Esta noticia é prematura. Até hoje só ha alli um vapor de guerra austriaco, o *Isabel*, que recebeu ordem para se dirigir á bahia de Napoles para ali estacionar.

Diz-se que o barão de Bourquency aviou a 3 de outubro ao conde Buol uma nova nota relativa ao assumpto de Napoles. Parece que esta nota foi recebida com satisfação, porque nella se declara que a França está disposta a consentir em que o conflicto de Napoles se resolva pelas conferencias que se devem abrir em Paris. Não se tinha ainda recebido manifestação deste genero da Inglaterra, mas esperava-se.

A esquadra anglo franceza tinha sabido de Maranhão dia 13 com muita rapidez em virtude de um

despacho que recebera. Ignora-se por ora officialmente o destino que levára, mas supõe-se que se dirige a Napoles.

As ultimas noticias dão sem fundamento os rumores pacificos que corrião a respeito da questão de Napoles.

Não se espera que o rei Fernando faça concessão alguma.

Confirma-se que Napoles será declarada em estado de sitio no momento em que as esquadras estrangeiras apparecerem na bahia. O decreto está preparado, e só falta assignar se. Este decreto foi proposto pelo ministro do interior e pelo director da policia, manifestando ambos que seria impossivel sem isto prohibir demonstraçoens liberaes ao apparecer das esquadras.

Lia-se no dia 5 por todas as esquinas este pasquim :

« Aviso importante.—Perderam-se duas esquadras no Mediterraneo, aquelle que for dizer ao ministerio que se encontraram, recebera boas alviças. »

A agitação augmenta nos arredores de Napoles, e em geral em todas as provincias.

Praça de Lisboa, em 21 de outubro.

Tres por cento	Assentamento 45 1/2 46.
	Coupons 45 1/4, 45 5/8.
Divida deferida.	24 » 25.
Ações do banco de Portugal.	499 » 500 »
Ações da banco do Porto.	238 » 240 »
Notas do banco de Lisboa.	4 » 785 » 4 » 790

Praça de Londres 16 de outubro.

Consolidados ingleses a 91 1/2 e 91 3/4.
Fundos portuguezes de 3 por cent. de 43 a 44; dividendo pago.

Praça de Paris 15 de outubro.

Fundos francezes de 4 1/2 90 fr. 30 cent.; os de 3 por cento a 66 fr. 20 cent.

Ações do banco de França a 3,925 francos.

(Diario de Pernambuco.)

MARANHÃO.

Noticias diversas.

Candidaturas.—No Recife perdeu a eleição o partido liberal, e o Dr. A. Augusto de Oliveira e o Barão de Camaragibe serão os deputados pelos circulos de Santo Antonio e Boa-Vista. O illustrado Sr. Dr. Feitosa era um dos candidatos da opposição.

Vistas dissolutivas.—O Sr. desembargador Guedes Alcanforado, chefe de policia interino, prohibio no theatro de S. Luiz o divertimento denominado Poliorama, ou vistas dissolutivas, em consequencia dos abusos e excessos praticados pela platêa.

Necrologio celebre.—A gazetta allemã *Das Licht* diz que morreram este anno em Pariz dous homens celebres: o estatuario David D'Angers, e o eminente poeta polaco Adão Mickiewicz. Podemos affirmar que David d'Angers foi o mais fecundo estatuario do nosso tempo, sendo muito para admirar a sua estatua de *Philopomen*, e a *Donzella grega* no tumulo de Botzaris. Adão Mickiewicz, longe da patria, comeu o amargoso pão do desterro, e á sua musa patriótica devemos o soberbo poema dos *Avós*, *Konrad Wallenrod*, *Soplitz*, *Grajina*, a *Vigilia dos mortos*, e o *Livro dos peregrinos da Polonia*, que talvez houvesse inspirado Laménais nas *Palavras de um crente*, e ao Sr. A. Herculeano na *Voz do propheta*.

Tivoly.—No domingo passado não foi muito grande a concurrencia em relação aos mascarados e mais visitantes. O cosmorama esteve aberto como

de costume, e agradaram muito duas vistas pintadas pelo Sr. Leon Righini, representando uma a *Piazzetta* em Veneza, e outra o arruinado castello de Valence, formosissima paisagem, que realça cada vez mais o merito do Sr. Righini.

Nova companhia.—Fundou-se no Rio de Janeiro a companhia *Providencia*, que tem por fim segurar a vida dos escravos, e já tem agencias na Bahia, Pernambuco, e muitos logares.

Missionarios.—Chegaram a Montevideu 52 missionarios capuchinhos italianos, dos quaes 23 se destinam á Confederação Argentina, e 27 á republica do Chile. Os primeiros foram mandados vir da Europa pelo Dr. Zuviria, quando era ministro do culto, e os segundos pelo governo do Chile, que remetteu fundos sufficientes para as despezas da viagem.

Novo methodo de ensino.—O Sr. Dr. Antonio de Castro Lopes publicou no Rio de Janeiro uma obra intitulada *Systema para estudar a lingua latina*, obra de muito merecimento como as de Robertson e Martelli acerca das linguas ingleza e italiana. Sobre o novo systema do Sr. Dr. Lopes appareceu no *Observador* um bello juizo critico do nosso profundo latinista e litterato o Sr. Sotero dos Reis, aconselhando que se adopte o novo systema na aula primaria de latim do Lyceu, assim como nas aulas do interior da provincia.

Vapor de Guerra.—Sahio no dia 14 do Rio de Janeiro, com escala por Pernambuco, para o nosso porto o vapor de guerra francez *Tanare*.

Napoles.—O rei homba desafia cada vez mais a indignação da França e da Inglaterra: as esquadras alliadas esperam-se a todo o momento, e a compressão policial, a bastonada, e os lazaronis estão na ordem do dia, e o rei affirma que em *Napoles a ordem reina*.

—A (24). Foi approvada a nomeação que fez o inspector do thesouro publico provincial de José Antonio Rodrigues para o logar de continuo da mesma repartição, vago por demissão concedida á Estevão Raphael de Carvalho.

—Foi provida na serventia vitalicia da cadeira de primeiras lettras e costura da villa de Anajataba D. Guilhermina Pereira de Macedo e Sousa.

Edital.

O Doutor Agostinho Moreira Guerra, cavalleiro da Ordem de Christo, e Juiz de Direito especial do Commercio desta capital por S. M. I. A Quem Deos Guarde &c.

Faço saber que no dia 1.º de Dezembro vindouro se hão de arrematar á porta de minha residencia, na rua das Barrocas numero cinco os onze escravos abaixo mencionados com seus competentes valores, que forão penhorados ao liado Pedro de Oliveira para pagamento das execuções, que contra o respectivo casal promovem os herdeiros de João Alves Pereira da Esperança, e o negociante Antonio Martins da Silva; cujos nomes, e profissões, são como se segue:—José Mulato por 800\$000—Manoel Cabo-verde por 850\$000—Manoel Antonio, moçambique por 800\$000, todos tres officiaes de ferreiro, e Manoel Cacheo servente de ferreiro por 600\$000—Thomé Cacheo por 900\$000—Antonio Benguelia por 750\$000, ambos officiaes de caldeireiro—Antonio Gabão por 800\$000—e Jeronimo por 800\$000, ambos aprendizes de caldeireiro—João Angico por 700\$000, e Joaquim Mandoga por

